



DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v21i00.8674321>

Artigo Original

Resgate histórico das pioneiras mestras de capoeira no Brasil

Historical rescue of the pioneering capoeira masters in Brazil

Rescate histórico de los maestros pioneros de la capoeira en Brasil

Ábia Lima de França¹ 

RESUMO

Objetivo: A pesquisa buscou resgatar a história das primeiras mestras de capoeira no Brasil. **Metodologia:** Trata-se de um estudo, de natureza qualitativa, do tipo documental. O mapeamento das mestras de capoeira ocorreu por intermédio de distintas fontes como: livros, filmes, redes sociais, artigos científicos, dissertações e teses sobre a capoeira. **Resultados e discussão:** De um total de 296 mestras de capoeira, que estão espalhadas pelo Brasil e fora dele, foi possível identificar três mestras, como possíveis pioneiras, quais sejam: Tonha Rolo do Mar, Sandrinha e Cigana. A Mestre Tonha Rolo do Mar (*in memoriam*) ensinou o Mestre Cobrinha Verde a jogar a navalha no cordão, nas mãos e nos pés, em Santo Amaro (BA), mudou-se para o bairro do Tomba, em Feira de Santana (BA), e não há mais notícias sobre ela; a Mestre Sandrinha nascida em 1959, no Rio de Janeiro (RJ), lecionou no Grupo Bantus de Capoeira, fundado pelo Mestre Roque, e participou de shows com o Grupo Sabata, foi reconhecida mestra na década de 1970. Já a Mestre Cigana, Fátima Colombiano, nasceu em 1956 em Volta Redonda (RJ). Ela iniciou na capoeira em 1970, no estado do Pará, com o Mestre Bezerra; cinco anos depois, conheceu o Mestre Canjiquinha em São Paulo, e foi para Salvador (BA) treinar com ele, sendo consagrada mestra em 1980. Ela é responsável pela Associação de Mestre Canjiquinha em Volta Redonda e pela formação das Mestras Luana e Arara em seu estado natal. **Considerações finais:** As mestras têm colaborado para a manutenção da capoeira e têm conquistado seus espaços dentro e fora dessa manifestação cultural.

Palavras-chave: Capoeira. Mulheres. Mestras.

¹ Universidade Federal da Bahia. Departamento de Educação II. Salvador - BA, Brasil.

Correspondência:

Ábia Lima de França. Faculdade de Educação, Avenida Reitor Miguel Calmon, s/n, Vale do Canela, Salvador, Bahia, CEP 40110-100. Email: docenteabialimadefranca@gmail.com



ABSTRACT

Objective: The research sought to rescue the history of the first capoeira masters in Brazil. **Methodology:** This is a qualitative, documentary-type study. The mapping of capoeira masters occurred through different sources such as: books, films, social networks, scientific articles, dissertations and theses about capoeira. **Results and discussion:** From a total of 296 capoeira masters, who are spread across Brazil and abroad, it was possible to identify three masters as possible pioneers, namely: Tonha Rolo do Mar, Sandrinha and Cigana. Master Tonha Rolo do Mar (in memoriam) taught Master Cobrinha Verde how to throw the razor on the cord, on his hands and feet, in Santo Amaro (BA), he moved to the neighborhood of Tomba, in Feira de Santana (BA), and there is no more news about her; Master Sandrinha, born in 1959, in Rio de Janeiro (RJ), taught at Grupo Bantus de Capoeira, founded by Mestre Roque, and participated in shows with Grupo Sabata, was recognized as master in the 1970s. Master Cigana, Fátima Colombian, born in 1956 in Volta Redonda (RJ). She started capoeira in 1970, in the state of Pará, with Mestre Bezerra; five years later, she met Mestre Canjiquinha in São Paulo, and went to Salvador (BA) to train with him, being consecrated master in 1980. She is responsible for the Mestre Canjiquinha Association in Volta Redonda and for the training of Masters Luana and Arara in her home state. **Final considerations:** The masters have contributed to the maintenance of capoeira and have conquered their spaces inside and outside this cultural manifestation.

Keywords: Capoeira. Women. Masters.

RESUMEN

Objetivo: La investigación buscó rescatar la historia de los primeros maestros de capoeira en Brasil. **Metodología:** Se trata de un estudio cualitativo de tipo documental. El mapeo de los maestros de capoeira ocurrió a través de diferentes fuentes como: libros, películas, redes sociales, artículos científicos, disertaciones y tesis sobre capoeira. **Resultados y discusión:** De un total de 296 maestros de capoeira, repartidos en Brasil y en el extranjero, fue posible identificar tres maestros como posibles pioneros, a saber: Tonha Rolo do Mar, Sandrinha y Cigana. El Maestro Tonha Rolo do Mar (in memoriam) enseñó al Maestro Cobrinha Verde a lanzar la navaja sobre la cuerda, sobre las manos y los pies, en Santo Amaro (BA), se mudó al barrio de Tomba, en Feira de Santana (BA), y no hay más noticias sobre ella; La maestra Sandrinha, nacida en 1959, en Río de Janeiro (RJ), enseñó en el Grupo Bantus de Capoeira, fundado por Mestre Roque, y participó en espectáculos con el Grupo Sabata, fue reconocida como maestra en los años 1970. La maestra Cigana, nacida en Fátima colombiana en 1956 en Volta Redonda (RJ). Inició la capoeira en 1970, en el estado de Pará, con el Maestro Bezerra; cinco años después, conoció al Mestre Canjiquinha en São Paulo, y fue a Salvador (BA) para formarse con él, siendo consagrada maestra en 1980. Es responsable de la Asociación Mestre Canjiquinha en Volta Redonda y de la formación de los Maestros Luana y Arara. en su estado natal. **Consideraciones finales:** Los maestros han contribuido al mantenimiento de la capoeira y han conquistado sus espacios dentro y fuera de esta manifestación cultural.

Palabras clave: Capoeira. Mujeres. Maestros.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é um recorte da tese de doutorado intitulada “Trajetórias formativas e registros biográficos de mestras de capoeira”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em 2021. Uma das etapas da investigação científica foi apresentar os registros biográficos das mestras de capoeira, sendo possível encontrar vestígios das primeiras mestras no Brasil.

A capoeira, fruto da diáspora africana, é uma manifestação cultural afro-brasileira constituída de aspectos educativos, artísticos, éticos, lúdicos, históricos, estéticos, políticos, dentre outros. Essa luta/dança, por quase meio século, foi duramente marginalizada e criminalizada pelo Estado Brasileiro, entretanto, “demonstrou a sua capacidade de resistir e de se reinventar para se afirmar socialmente e, a partir da década de 1970, se espriar por todo o mundo como uma exuberando prática corporal” (Falcão, 2018, p.75).

No interior da capoeira, compreendida como uma prática de reserva masculina, as mulheres também estavam inseridas, entretanto as suas narrativas eram pouco visibilizadas, elas eram “imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas” (Perrot, 2008, p. 17). Ainda que no decorrer da história suas memórias e narrativas fossem ignoradas, elas lutaram por seus espaços na pequena e grande roda, na capoeira e na sociedade, respectivamente.

A história oral de mulheres contribui para destacar a interconexão entre a construção de papéis sociais e os direitos de cidadania nas narrativas coletivas; isso significa que a história oral de mulheres suscita novas questões na esfera da relação entre história e memória (Salvatici, 2005, p.36).

Vale ressaltar que não só as mulheres encontraram dificuldades para se inserir e permanecer na prática da capoeira, mas também os homens, que não atendiam ao padrão imposto para as masculinidades, na visão patriarcal e cis heteronormativa, ou seja, aqueles que não eram heterossexuais, que tinham identidades plurais, por exemplo. A capoeira “é gestada e transformada historicamente, tendo os conflitos de gênero e raça, provenientes tanto do campo da produção e reprodução material, quanto do simbólico e ideológico, como contexto condicionante e catalisador” (Fialho, 2019, p.27).

Os corpos dos/as capoeiras são atravessados por distintos marcadores sociais de diferença como: gênero, raça, classe social, sexualidade, geração e religião, sendo que o(s) marcador(es) da diferença podem ser usados para o estabelecimento de situações de opressão e desigualdade, violação de direitos sociais, principalmente quando se está numa sociedade sustentada nos moldes patriarcais coloniais que estabelece “normas” de padronização de corpos.

No tocante a presença das mulheres na capoeira, estudos recentes como os de Oliveira e Leal (2009), Fialho (2019), Beltrão (2021) e França (2021) são fundamentais para o resgate e a preservação de inúmeras histórias e memórias femininas da capoeira no Brasil. No passado, as mulheres capoeiras, individualmente ou em maltas², envolviam-se em brigas de navalha, cacete e pontapés, eram alvos de confusões, viviam no limiar entre a ordem e a desordem. É importante destacar que isso ocorreu até o final do século XIX e as três primeiras décadas do século XX, no qual a prática da capoeira estava atrelada à criminalidade, fazia parte do Código Penal Brasileiro, portanto as/os capoeiras sofriam várias coações e repreensões na sociedade.

Aras e Oliveira (2003) chamam atenção que as mulheres disputavam os espaços das ruas com suas atividades produtivas, como as ganhadeiras, que andavam em busca de afazeres, ou ofereciam seus serviços, tal como as prostitutas. Essas mulheres valentes, conhecidas como “mulheres da pá virada”, fugiram aos padrões comportamentais “impostos” para as feminilidades, com isso sofreram preconceitos e várias sanções por agirem como/com os homens, sendo punidas severamente pela lei penal e pela autoridade policial (Oliveira, 2004).

Após a década de 30, ocorreram mudanças econômicas, culturais e sociais que impactaram na prática da capoeira. Esta passa a ser vista de outra forma e aceita na sociedade, inicia o processo de institucionalização da capoeira o que corroborou para que “a presença das mulheres fossem inibidas ou extirpadas de várias maneiras, inclusive epistemologicamente na acomodação narrativa do passado violento, negado e referendado” (Fialho, 2019, p. 165).

O aumento significativo da presença das mulheres na capoeira se tornou crescente, a partir de 1980, devido a distintos fatores como: surgimento dos movimentos feministas, internacionalização da capoeira, elevação da produção acadêmica sobre a temática, inclusão da capoeira nas escolas e nas universidades públicas (França, 2018). Essa expansão é uma pauta historicamente reivindicada pelas mulheres na pequena e grande roda.

Na década de 1980, alguns estudos apontavam a formatura da primeira mestra de capoeira (Firmino, 2011; Silva, 2017), entretanto, na tese de França (2021) ficou evidente que anterior a década de 80 já havia indícios da existência de duas mestras. Após esse período, as mulheres foram conquistando a maestria, que é um lugar de destaque e prestígio na capoeira.

Nas culturas populares, o/a mestre/a é aquele/a que possui certa habilidade, detentor/a de um conhecimento específico, referência no lugar onde vive e onde atua, responsável pelo engendramento de um legado para as

² Segundo Oliveira e Leal (2009, p.31), malta “era a denominação de grupos de capoeiras que se organizavam em limites geográficos constituindo assim territórios políticos e sociais”.

gerações futuras (Paiva, 2007). A autora ainda diz que “a história do mestre apresenta uma aproximação com o que era vivenciado no período medieval” (Paiva, 2007, p.126), ensinava a técnica de uma arte ou ofício.

A formatura de mestra/e é um ritual hierárquico dentro da capoeira, para atingir esse nível é considerado o tempo de prática, a dedicação, a evolução, o envolvimento e o comprometimento na ministração de aulas, participação de eventos do próprio grupo/escola e demais outros (Borges; Grando, 2022). Lima (2021, p.75) ainda acrescenta que o/a mestre/a:

Ao mesmo tempo em que transmite saberes acumulados ao longo da história dos negros no Brasil, também constrói alternativas para se pensar a relação ensino/aprendizagem dos instrumentos e toques, das histórias, das manhas e gingas, das vivências da Roda, de acordo com diferentes públicos e contextos.

Nesse intuito, compreendo que ser mestra de capoeira é ser referência de vida para os/as discípulos, ser exemplo, aprendiz e guardiã da cultura popular. Bosi (1979) assinala que as pessoas mais velhas são a fonte de onde jorra a essência da cultura, na qual o passado se guarda e o presente se prepara.

Na condição de mulher, mestra de capoeira, terá sempre que disputar seus espaços, lutar contra as opressões, os preconceitos, as invisibilidades e as violências, que perpassam pelas relações de poder (França, 2021). Nessa perspectiva, vale especificar alguns dos desafios em suas trajetórias formativas como: não equidade nas exigências de promoção, diferença no momento de graduar homens e mulheres, resistência familiar, preconceito, conflito de papéis (Souza; Devide, 2011); dupla jornada de trabalho, sobrecarga com os afazeres domésticos (Araújo; Souza; Marani, 2022; França, 2021; Zimmermann; Medeiros; Barrizo, 2017), a partilha desigual nos cuidados com os/as filhos/as (França; Santos, 2022), o silenciamento, a falta de reconhecimento e representatividade de mestras negras (França, 2021), dentre outros obstáculos atravessados pelas relações de gênero, raça, sexualidade e classe social.

Dessa forma, é fundamental a busca por novas formas de contestação e de denúncia relacionadas às desigualdades de gênero (Pinheiro, 2018), raça, classe social, dentre outros marcadores sociais da diferença; dar visibilidade às desigualdades, aos silenciamentos, às subjetividades e às omissões vivenciadas pelas mulheres e dar às mulheres voz e espaço para poderem compartilhar suas experiências no universo da capoeira (Silva, 2017; Martins *et al.*, 2021).

Lutar pela igualdade e equidade de gênero nesse contexto é, também, lutar contra o que a capoeira foi, é e, supostamente, será. Ou seja, inquirir o passado, reinventar o presente, tensionando-o, e construir um futuro equânime acabam se tornando uma utopia no contexto da capoeira, do ponto de vista do gênero (Mwewa *et al.*, 2023, p. 145).

Daí a necessidade de criação de espaços dialógicos e formativos que contribuam para as desconstruções de discursos preconceituosos, posturas intolerantes e opressoras que afastam e/ou excluem as mulheres do universo da capoeira; implementação de políticas públicas continuadas de combate à violência contra as mulheres; avanço na produção do conhecimento sobre a temática em questão com atenção as implicações interseccionais. Nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa foi resgatar a história das primeiras mestras de capoeira no Brasil.

MÉTODO

Trata-se de um estudo exploratório, de natureza qualitativa, que reflete acerca da sua expressão nas significações de fatos, opiniões, crenças, comportamentos humanos, ideias, etc. (Minayo, 1992), especificamente do tipo documental por permitir analisar fontes diversificadas que não receberam nenhum tratamento analítico (Gil, 2002).

O estudo é um recorte da tese de doutorado defendida no ano de 2021, complementada com novas informações sobre as mestras de capoeira por intermédio de distintas fontes documentais como: livros, filmes, redes sociais, artigos científicos, dissertações e teses sobre a capoeira, entre os meses de maio e julho de 2023.

Após o levantamento dos dados, que foram armazenados em uma pasta no computador, iniciou-se o processo de análise preliminar e de análise propriamente dita, conforme orienta Cellard (2008). Em seguida, foi exibido um quadro com o mapeamento das mestras de capoeira por regiões geográficas do Brasil e o resgate das primeiras mestras de capoeira.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O mapeamento de mestras de capoeira, iniciado por França e Guedes (2017), tem sido constantemente atualizado e apresentado em distintos formatos como capítulo de *e-book*, artigo científico, pôster, dissertação de mestrado, tese de doutorado (França, 2018, 2019, 2021, 2022), dentre outros. Até o momento da escrita, foram identificadas 296 mestras de capoeira, que estão espalhadas em distintos territórios geográficos dentro e fora do Brasil. No Quadro 1, possível identificar as seguintes mestras de capoeira no Brasil.

Quadro 1- Distribuição das mestras de capoeira por regiões do Brasil

REGIÃO DO BRASIL	UNIDADE FEDERATIVA DO BRASIL	MESTRAS
Nordeste	Bahia	Alessandra Guerreira, Amazonas, Aruanda, Bó, Bia, Brisa, Brisa do Mar, Carol, Celebridade, Claudia, Coruja, Cris, Dandara, Dandara Baldez, Dila, Esperança, Fafá, Geisa, Gegê, Guerreira, Janja, Jararaca, Jô, Joice, Lene, Lilu, Lua Branca, Lucia Cigana, Marcha Lenta, Mada, Maria Bonita, Marly, Nani, Nzinga, Nena, Omara, Patrícia, Paulinha, Pequena Rasta, Preguiça, Raquel, Risadinha, Ritinha (<i>in memoriam</i>), Rute, Sapecá, Soninha, Taísa, Tate, Tekka, Tisza, Tonha Rolo do Mar (<i>in memoriam</i>), Trança, Vanessa e Volta Grande
	Ceará	Bruxinha, Carla, Claudinha, Cleide, Darlyane, Doralice, Felina, Flanela, Índia, Jana, Manô, Nega, Paulinha Zumba, Roberta e Vanda
	Maranhão	Pudiapen, Samme e Valdira
	Paraíba	Jane e Malu
	Pernambuco	Aninha, Bel, Dani Gouveia, Dani Ferraz, Deivinha, Di, Isa, Mônica, Selva e Shirley Guerreira
	Piauí	Mazé e Têra
	Rio Grande do Norte	Manhosa, Paulette, Sherra e Sorvetinho
Sergipe	Felina	
Sudeste	São Paulo	Andrea, Boca, Bonequinha, Borrachinha, Camila, Ciça, Codorna, Diane, Dani, Dedê, Dirlea, Dufona, Engraçadinha, Geusa, Grazi, Kátia, Lara, Leda, Lua Branca, Sereia, Lu Baobá, Lu Pimenta, Luana, Mara, Mara (Feiticeira), Maria Mara, Maria Patrimônio, Meire, Meire, Meiry, Michelli, Mirian, Monise, Moranguinho, Morena, Nagô, Odara, Potira, Preta, Priscila, Renata, Rita, Rosinha, Samila, Sara, Saruê, Selma, Tata Vânia Alves, Vânia Borges e Vanuza
	Rio de Janeiro	Adriana, Agbara, Água Viva, Ana Sábia, Andrea, Arara, Baiana, Baixinha, Beija Flor, Borboleta, Ciça, Cigana, China, Claudinha, Coral, Cris, Cristina, Darlene, Destemida, Dirce (<i>in memoriam</i>), Elizete Flávia Pupila, Foguinho, Francesinha, Jujuba, Karol, Kodak, Lilla, Lilica, Magali, Márcia, Marciana, Marla, Molequinha, Mucama, Nara, Panthera, Patrícia, Portuguesa, Renatinha, Ruffato, Sheila, Simone, Siomara, Sandrinha, Serena, Sônia , Sueli Cota, Tempestade, Tereza, Thiara e Zazá
	Minas Gerais	Alcione, Chaveirinho, Folgadinha, Índia, Kelly, Lena, Miúda, Puma, Raio de Sol, Raposa, Sereia, Tida, Zebrinha e Yaçana
	Espírito Santo	Baixinha, Furinha, Kêu, Pitú, Sabrina e Zangada
Centro-oeste	Distrito Federal	Alaíde, Bad, Baianinha, Geyse , Jerusa, Ju Trajano (<i>in memoriam</i>), Marreca, Meo, Michelinha, Mirinha, Noélia, Quequel, Suely, Valdirene e Zanga
	Goiás	Amazonas, Ana Maria, Arisca, Iúna, Josy, Tati, Valéria e Vivian
	Mato Grosso do Sul	Pantaneira
	Mato Grosso	Coral
Sul	Rio Grande do Sul	Didi, Idalina, Jô Ligeirinha, Karruina, Machadinha e Morena
	Paraná	Aurea, Baixinha, Criança e Shaolin
	Santa Catarina	Danuzia, Elma, Fru, Jô, Karlinha e Rosa Costa
Norte	Amazonas	Deusa, Mainha e Pokahontas
	Pará	Catita e Pé de Anjo (<i>in memoriam</i>)
	Tocantins	Diamante

A partir do Quadro 1, pode-se identificar 264 mestras de capoeira brasileiras, que estão na região do Sudeste (123), Nordeste (92), Centro-oeste (25), Sul (16) e Norte (6). Já no exterior, foi possível catalogar 32 mestras, espalhadas pelos seguintes países: Estados Unidos (Canela, Cigarra, Colibri, Edna Lima, Gata Brava, Sara, Lagosta, Luar do Sertão, Maman, Marisa, Rapidinha Sorriso, Suelly e Tigresa), França (Cristina, Nega Uara, Novinha, Sapeca e Úrsula), Reino Unido (Andrea, Rilene e Sylvia), Israel (Dini e Noa), México (Rosita), Canadá (Colette), Suécia (Pintada), Suíça (Bárbara), Alemanha (Jana/Folha Seca e Maria Pandeiro), Áustria (Ana Dourada), Austrália (Meirelou) e Moçambique (Marina).

A apresentação dos nomes das mestras de capoeira não apontou as especificações dos estilos e das linhagens de capoeira que elas pertencem, como Capoeira Angola³ e Capoeira Regional⁴, por exemplo. Vale salientar que cada vertente tem seu *habitus* capoeirístico, havendo diferenças nos processos formativos, nos fundamentos e nos rituais ensinados, assim como no tempo necessário à titulação das mestras (França, 2021). Estamos diante de uma diversidade de mestras de capoeira: as que são mais velhas, as novas mestras, mestras com capitais diferenciados; sejam estes simbólicos, sociais, escolares; mestras que foram reconhecidas por sua história; mestras formadas por um determinado sistema de graduação, dentre outros (Paiva, 2007).

A partir do levantamento documental realizado foi possível encontrar três mestras, como possíveis pioneiras, quais sejam: Tonha Rolo do Mar, Sandrinha e Cigana. A Mestre Tonha Rolo do Mar (*in memoriam*), conforme Santos (1991), ensinou o Mestre Cobrinha Verde a jogar a navalha no cordão, nas mãos e nos pés, em Santo Amaro (BA). Nesse período histórico, tanto a navalha, quanto o pau e a faca eram símbolos que se associavam à capoeiragem (Fialho, 2019). Santos (1991) ainda apontou que a referida mestra foi morar no bairro do Tomba, em Feira de Santana (BA), e não teve mais notícias sobre ela.

Vale a pena mencionar que o Mestre Cobrinha Verde nasceu em Santo Amaro, em 1917, e viveu até 1983, tendo passado por vários lugares do Brasil como: Manaus, Salvador, São Paulo, entre outros. Contudo, não é possível afirmar por quanto tempo a Mestre Tonha Rolo do Mar contribuiu com a trajetória do Mestre Cobrinha Verde, nem em que ano isso aconteceu;

³ A Capoeira Angola tem como características: rituais, fundamentos (históricos), postura de jogo, resistência, tradição, filosofia, comportamento mais rígido, ritmo compassado, cultural, arte, luta, valorização da musicalidade, tradicional, terapia, forma de aprendizagem, pedagogia, resgate da existência e estilo de jogo lento e no chão (ARAÚJO, 2004).

⁴ Os princípios fundamentam-se em: gingar sempre, esquivar sempre, jogar sempre bem próximo ao/a parceiro, todos os movimentos devem ser objetivos, conservar no mínimo uma base ao solo, obedecer ao ritmo do berimbau, respeitar as guardas vencidas e zelar pela integridade física e moral do/a camarada. Nesse estilo, tem-se as seguintes etapas de aprendizagem: a ginga, o exame de admissão, a sequência, a cintura desprezada, os ritmos de jogo, os movimentos traumatizantes, desequilibrantes, projeção e ligados, além de cursos de especialização (França, 2021).

possivelmente, deve ter sido durante as primeiras décadas do século XX, pelos fatos narrados no livro de Santos (1991). A construção do/a mestre/a, anterior a década de 1930, se dava pelo reconhecimento do serviço prestado e não por estágio ou níveis de graduação (Paiva, 2007). Após esse período histórico, cada grupo, estilo, escola, mestre/a estabelece os critérios de avaliação e de consagração de mestres/as de capoeira. Existem pessoas que foram reconhecidas mestras/es pela comunidade da capoeira por suas histórias de vida e trabalhos em prol dessa luta/dança e que nunca passaram por processos formativos dentro de grupos/escolas de capoeira.

A Mestre Sandrinha, Sandra Eugênia Feitosa, nasceu em 1959, no estado do Rio de Janeiro. Ela participou de vários *shows* com o Grupo Sabata, no Clube Guanabara e no Grupo Filhos de Obá, do Rio de Janeiro e da Bahia, respectivamente. Em 1970, ela lecionou capoeira no grupo Bantus de Capoeira, fundada pelo mestre Roque, no Morro do Pavãozinho, conforme registrado na Revista Dô (1979). A pesquisa de Pogliã, Salom e Churrasco (2020) ainda confirma que, na década 1970, o mestre Churrasco relatou ter passado por grandes mestres/as, dentre os/as quais consta a Mestre Sandrinha.

Já a Mestre Cigana, Fátima Colombiano, conhecida também como Fafá de Canjiquinha, nasceu em 23 de junho de 1956 em Volta Redonda (RJ). Ela é mãe de três filhos e avó de duas netas (Maxwell, 2019). De acordo com Silva (2019), ela iniciou na capoeira em 1970, no estado do Pará, com o Mestre Bezerra; cinco anos depois, ela conheceu o Mestre Canjiquinha em São Paulo, mudou-se para Salvador (BA) para treinar com ele. Em 1980, quando ela voltou ao estado do Rio de Janeiro, fundou a Associação de Mestre Canjiquinha em Volta Redonda. Ela foi reconhecida mestra em 1980, sendo uma das primeiras mestras da capoeira no Brasil, além disso, foi responsável pela consagração das Mestras Arara e Luana em sua cidade natal. A Mestre Cigana é formada em Educação Física, Pedagogia, Filosofia, Artes, Sociologia, Antropologia, Teologia e História; especialista em História da África, Religiões da América Latina e Helênicas, Neurociências, Neuroeducação, Neuropsicopedagogia, Ensino Religioso, Xamanismo, Artes, Psicopedagogia e Música (França, 2021).

O fato de não encontrar outros vestígios mais densos sobre as mestras de capoeira, leva-me a refletir sobre a invisibilidade da história das mulheres, uma ausência “[...] construída nos processos de memória e esquecimento, influenciados pela colonização dos valores da Capoeira pelo binarismo de gênero, exógeno ao caldeirão cultural afro-brasileiro” (Fialho, 2019, p. 146)

Nessa perspectiva, o levantamento das mestras de capoeira é inclusivo, portanto aberto a novas pesquisas científicas, a fim de atualizá-lo e, se possível, divulgar as informações no universo da capoeira como forma de salvaguardar memórias e histórias de guardiãs da cultura popular, evocando o passado e

fazendo apelo às lembranças (Halbwachs, 1968) das nossas ancestrais, guardiãs da cultura popular.

A pesquisa buscou resgatar memórias subterrâneas das mestras de capoeira, que, durante muitos anos, foram invisibilizadas e silenciadas no decorrer da história. Desse modo, o estudo pode funcionar como um instrumento de diagnóstico que possibilita a reflexão sobre as diversas narrativas históricas e os caminhos percorridos pelas mestras de capoeira nos distintos territórios geográficos tanto na pequena quanto na grande roda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo foi realizado com o intuito de resgatar a história das primeiras mestras de capoeira no Brasil. A partir do levantamento documental, foram identificadas 296 mestras de capoeira espalhadas em distintos territórios geográficos dentro e fora do Brasil, sendo possível encontrar três mestras, como possíveis pioneiras, sendo elas: Tonha Rolo do Mar (*in memoriam*), Sandrinha e Cigana.

O livro de Santos (1991) possibilitou encontrar um pouco da história da mestra Tonha Rolo do Mar (*in memoriam*), que desempenhou um papel relevante no aprendizado do Mestre Cobrinha Verde. A revista Dô (1979) permitiu o acesso à trajetória da Mestre Sandrinha, reconhecendo o seu pioneirismo e a sua dedicação na capoeira em solo carioca. Já a história da Mestre Cigana está acessível em algumas pesquisas acadêmicas como a de França (2021), Silva (2019) e no livro de Maxwell (2019).

Se no passado a forma de registrar os documentos (in)visibilizavam as narrativas das mulheres, na contemporaneidade, elas têm sido objeto de estudo e têm narrado suas histórias por intermédio de livros, artigos científicos, dissertações de mestrado, teses de doutorado, documentários, etc. É importante ressaltar que as mestras têm colaborado para a manutenção da capoeira, contribuindo com as estratégias de luta e conquistado seus espaços dentro e fora dessa manifestação cultural.

Para os próximos estudos sobre a temática, sugiro que sejam levantadas mais informações históricas e biográficas sobre as mestras de capoeira nos distintos contextos geográficos, com o propósito de reconhecer, valorizar e salvaguardar as memórias das nossas guardiãs da cultura popular.

NOTAS

CONFLITOS DE INTERESSE

A autora não tem conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.

AUTORIA E COAUTORIA

A autoria é responsável pelos conteúdos do texto.

REFERÊNCIAS

ARAS, Lina Maria Brandão de; OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. Sob a pena da lei: mulheres pobres e marginais. *Politeia: História e Sociedade*, Vitória da Conquista, v. 3, n. 1, p. 163-174, 2003. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/politeia/article/view/3941/3245>. Acesso em: 31 jul. 2023.

ARAÚJO, Pâmela Figueiredo de; SOUZA, Mauro José; MARANI, Vitor Hugo. Corpo, Gênero e Capoeira: Experiências Autoetnográficas a partir dos Estudos Culturais Físicos. *Licere - Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer*, v. 25, n. 1, p. 343-368, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/39109/30199>. Acesso em: 31 jul. 2023.

ARAÚJO, Rosângela Costa. *Iê, viva meu mestre: a capoeira angola da 'escola pastiniana' como práxis educativa*. 2004. 272 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

BELTRÃO, Mônica. *Das mulheres desordeiras, valentes e capoeiras*. Campina Grande: Plural, 2021.

BORGES, Joacelmo Barbosa; GRANDO, Beleni Saléte. Os desafios da mestria em capoeira: as barreiras para a mulher ser mestra. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 8, n. 10, p. 68703-68715, 2022. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/53394/39681>. Acesso em: 31 jul. 2023.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

CELLARD, André. A Análise Documental. In: POUPART, Jean, Deslauriers, Jean-Pierre; Groulx, Lionel-H; Laperrière, Anne; Mayer, Robert; Pires, Álvaro; Jaccoud, Mylène; Cellard, André; Houle, Gilles; Giorgi, Amedeo; Kérisit, Michèle (Orgs.). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 295-316.

FIALHO, Paula Juliana Foltran. *Mulheres incorrigíveis: capoeiragem, desordem e valentia nas ladeiras da Bahia (1900 – 1920)*. 2019. 301 f. Tese (Doutorado em História) — Faculdade de História, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2019.

FIRMINO, Camila Rocha. *Capoeiras: gênero e hierarquias em jogo*. 2011. 111 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2011.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. Do Brasil para o mundo: a prática corporal da capoeira na articulação de processos formais e não-formais de educação. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, v. 11, n. 24, p. 73 – 86, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/7642/pdf>. Acesso em: 31 jul. 2023.

FRANÇA, Ábia Lima de. O protagonismo da mulher nas produções científicas sobre capoeira como temática. *Revista Ibamô*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 90-103, 2018. Disponível em: <https://mariafelipas.files.wordpress.com/2020/03/franc387a-c381bia-lima-de.-o-protagonismo-da-mulher-nas-produc387c395es-cientc38dficas-sobre-capoeira-como-temc381tica.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2023.

FRANÇA, Ábia Lima de. *Trajetórias formativas e registros biográficos de mestras de capoeira*. 2021. 299f. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, BA, 2021.

FRANÇA, Ábia Lima de. Mapeamento de mestras de capoeira. In: MELO, Renata Santos (Org.). *Mulheres potentes: a escrita como ferramenta de denúncia, resistência e empoderamento*. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos da Universidade Federal da Bahia. 2022. p. 7-13.

FRANÇA, Ábia Lima de. Mapeamento de mestras de capoeira que atuam no Brasil e Exterior em jogo. In: SIMPÓSIO SOBRE INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 1. 2019, Salvador. *Anais [...]*. Salvador: Faced/UFBA, 2019. (Banner). Mimeo.

FRANÇA, Ábia Lima de; GUEDES, Josenice dos Santos. A (in)visibilidade da mulher em jogo: mapeamento de mestras de capoeira. In: SEMINÁRIO GRIÔ, 2. 2017, Salvador. *Anais [...]*. Salvador: Faced/UFBA, 2017. (Comunicação oral). Mimeo.

FRANÇA, Ábia Lima de; SANTOS, Elis Souza dos. Mulher, mãe e capoeira: interseccionalidades em jogo. *Revista de Humanidades e Letras*, v. 1, n. 1, 2022, p. 5-26.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1968.

LIMA, Ana Carolina Lacorte. *O Ofício Educador do Mestre de Capoeira*. 2021. 110p. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) - Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2021.

MARTINS, Sama Escobar; LUIZ, Maria Eduarda Tomaz; FRANZONI, Wihanna de Castro Cardozo; TAVARES, Laís Mendes; MARINHO, Alcyane. Um olhar feminino sobre a mestria e a participação da mulher na Capoeira da Grande Florianópolis. *Licere*, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 385-407, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/31340/24955>. Acesso em: 31 jul. 2023.

MAXWELL, Mestre. *Tributo aos Mestres*. Londres: Arts Book, 2019.

Mestra Sandrinha. *A mulher na roda de capoeira*. *Revista de Artes Marciais Dô*, n. 10, p. 22-25, 1979.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: *Hucitec Abrasco*, 1992.

MWEWA, Christian Muleka; ACORDI, Leandro de Oliveira; VAZ, Alexandre Fernandez; FERREIRA, Juliani Lucinda Caldeira. Mulheres na capoeira: afirmações, culturas, corpos. *Criar Educação*, v. 12, n. 2, p. 138-161, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/criaredu/article/view/8159/6735>. Acesso em: 31 jul. 2023.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. *Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeiragem no Brasil*. Salvador: *EDUFBA*, 2009.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. *Pelas ruas da Bahia: criminalidade e poder no universo dos capoeiras na Salvador republicana (1912-1937)*. 2004. 150 f. Tese (Mestrado em História) - Faculdade de História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2004.

PAIVA, Ilnete Porpino de. *A capoeira e os mestres*. 2007. 166 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2007.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

PINHEIRO, Camila Maria Gomes. *Eu vou falar pra dendê tem homem e tem mulher: o feminismo angoleiro e as mudanças nas tradições*. 2018. 123 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

POGLIA, Marco Antônio Saretta; SALOM, Júlio Souto; CHURRASCO, Mestre. Jogo de dentro, jogo de fora: o encontro dos saberes da UFRGS e a capoeira de Mestre Churrasco. *Revista Mundaú*, n. 9, p. 146-167, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/rm.2020.n.9.11015>. Acesso em: 31 jul. 2023.

SALVATICI, Silvia. Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. *História Oral* - ABHO, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 29-42, 2005. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/114/109>. Acesso em: 31 jul. 2023.

SANTOS, Marcelino dos. *Capoeira e mandingas: Cobrinha Verde*. Salvador: *A Rasteira*, 1991.

SILVA, Maria Zeneide Gomes da. *Movimento capoeira mulher: saberes ancestrais e a práxis feminista no século XXI em Belém do Pará*. 2017. 198 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Pará, Cametá, PA, 2017.

SILVA, Ana Beatriz Matilde da. *Mulheres na capoeira: resistência dentro e fora da roda*. 2019. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, SP, 2019.

SOUZA, Eliane Glória Reis da Silva; DEVIDE, Fabiano Pries. Capoeira regional: representações sociais das mestras e formandas sobre sua inserção e atuação no ensino da luta no Rio de Janeiro. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE*, 17; *CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE*, 4. 2011, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre: CBCE, 2011. p. 1-14. Disponível em: <https://cev.org.br/eventos/xvii-conbrace-iv-conice/>. Acesso em: 31 jul. 2023.

ZIMMERMANN, Tânia, MEDEIROS, Márcia Maria de; BARRIZO, Henning. Apontamentos sobre as relações de gênero em rodas de capoeira em Amambai/MS. *Cadernos do CEOM*, v. 30, n. 46, p. 63-72, 2017. Disponível em:

<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/3406>. Acesso em: 31 jul. 2023.

Recebido em: 19 ago. 2023

Aprovado em: 04 dez. 2023

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](#), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

A Revista Conexões é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:

